

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes

Rayza Nascimento Luppi Spelta

**A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA TEATRAL COM
ADOLESCENTES DO COLÉGIO SANTA MARIA**

Belo Horizonte
2015

Rayza Nascimento Luppi Spelta

**A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA TEATRAL COM
ADOLESCENTES DO COLÉGIO SANTA MARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura –
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, para obtenção de título de Graduação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carvalho de
Figueiredo.

Belo Horizonte

2015

Rayza Nascimento Luppi Spelta

**A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA TEATRAL COM
ADOLESCENTES DO COLÉGIO SANTA MARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura –
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, para obtenção de título de Graduação.

Prof. Dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo (Orientador).

Prof. Luciana Cezário Milagres de Melo (Banca Examinadora).

Prof. João Bernardes Neto (Banca Examinadora).

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2015.

A Deus, porque Dele, por Ele, para Ele, são todas as coisas e
aos meus pais, obrigada por acreditarem em mim,
pela torcida, amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Ricardo que além de um grande mestre, tornou-se também, um grande amigo. Obrigada por todas as oportunidades, aprendizado e incentivo.

Ao Thiago, meu marido e parceiro de todas as horas. Obrigada por tudo.

A toda a minha família, em especial meus irmãos Lorena, Layla, Jeferson e ao Eros, meu leal *cão panheiro*.

Aos alunos, que foram a base que eu construí esta pesquisa, Fernanda Ferreira de Sá Oliveira, Catharine Vieira Cordeiro, Leonardo Pimenta Ribeiro Lessa, Ana Carolina de Jesus Madeira, Pedro Henrique Alves Ferreira, Maria Luiza Silva Tamietti, Gabriel Ribeiro Guedes, Camila Eduarda Alves Mota, Warley França Santa Bárbara, Mariana Almeida Teixeira Rocha, Vinícius Perpétuo Medeiros, Raissa dos Anjos Rodrigues Campos, Izabela Félix, Emanuelle Silva e à todos os outros que não estão citados aqui, mas que me ensinaram tanto durante todo meu processo de formação como professora.

Ao Colégio Santa Maria Floresta, por me abrir as portas.

Aos professores Luciana Cezário e João Bernardes Neto por aceitarem o convite de dialogar este trabalho comigo.

Aos amigos e parceiros de caminhada, Monica Peluci, Nágila Reis, Bruno Pontes, Ana Luiza Brandão, Júlia Camargos, Charles Valadares, Luísa Bahia, Gislaine Reis, Larissa Altemar, Nathy Pimenta, Thaís Coimbra, Alice Vieira e Ana Reis.

A todos os professores e funcionários do curso de teatro da UFMG, em especial, Arnaldo Alvarenga, Marina Machado, Mariana Muniz e Antonio Hildebrando.

Aos peregrinos, pelos três anos de aprendizado no Teatro Universitário da UFMG. E a todos os professores desta escola.

Ao amigo Maicon Moreira pelas correções e apontamentos que enriqueceram este trabalho.

A Igreja Apostólica Ágape e a Cia. de Teatro Tempo de Deus, pelo carinho e paciência.



“Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.”

PAULO FREIRE.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso almeja aprofundar estudos e experiências práticas sobre o tema: adolescência. Protagonizando o jovem e o ensino de teatro para estes adolescentes. Para tal, irei relacionar a prática, a partir das aulas de teatro no ano de 2015 com alunos do Ensino Médio do Colégio Santa Maria (Unidade Floresta), com apontamentos teóricos que envolvem diretamente o teatro e a adolescência, em diálogo constante com a minha trajetória de formação como professora de teatro. O ponto central desse estudo é acender uma reflexão sobre os processos de ensino aprendizagem em teatro com e para os adolescentes, através das especificidades da fase, buscando compreender as demandas do jovem dentro do ambiente escolar e o quanto a prática teatral pode ser expressiva na formação desses alunos.

Palavras-chave: Ensino de Teatro. Adolescência. Ensino Médio. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to deepen studies and practical experiences on the topic: adolescence. Starting the young theater school for these adolescents. To do this, I will relate the practice, from the acting classes in 2015 with students from East College Teaching Santa Maria (Forest Unit), with theoretical approaches that directly involve the theater and adolescence, in constant dialogue with my training career as a drama teacher. The focus of this study is to light a reflection on the processes of teaching learning in theater with and for teens through the specifics of the stage, trying to understand the demands of the youth within the school environment and how much theater practice can be significant in training these students.

Keywords: Theatre Education. Adolescence. High school. Experience Report.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. JUSTIFICATIVA.....	11
3. A EXPERIÊNCIA: POR ONDE COMEÇOU?.....	14
3.1 <i>Primeiras Impressões.....</i>	16
1ª RELATO DE EXPERIÊNCIA: LUA NOVA.....	16
2ª RELATO DE EXPERIÊNCIA: LUA CRESCENTE.....	19
3ª RELATO DE EXPERIÊNCIA: LUA CHEIA.....	23
4. CONCLUSÃO: LUA MINGUANTE.....	25
5. REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui descrita foi realizada como subsídio para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG. Neste, iremos explorar o campo do ensino de teatro, mais especificamente a experiência teatral na educação básica com adolescentes do Ensino Médio.

Juarez Dayrell (2003) utiliza o termo “transitoriedade” para definir uma das visões que estão enraizadas na sociedade em relação aos adolescentes. Na perspectiva apontada por Dayrell (2003), estes são vistos como sujeitos que “virão a ser”, ou seja, com a atenção voltada para o futuro e um descaso com o presente vivido. Diante disso, é necessário compreender que o tempo presente de formação desse jovem é tão importante quanto as escolhas que ele fará posteriormente em sua vida.

Ampliar os conceitos em relação a essa faixa etária, principalmente no âmbito da educação, é fundamental para não a limitarmos às suas características biológicas. Assim, abrimos espaço para o encontro, onde a adolescência não é considerada apenas uma “fase difícil” entre a infância e o mundo adulto, mas que em si possui uma identidade própria que se desenvolve por meio do seu círculo de relações. Como afirma Charlot (*apud* DAYRELL, 2003, p. 43): “o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser social”.

Por mais que a sociedade e a escola tentem muitas vezes ignorar a importância destes aspectos, vemos nas falas e costumes dos adolescentes, o quanto eles precisam ser percebidos em suas individualidades. Foi possível compreender com clareza esta atitude, por meio da observação dos adolescentes e sua relação com o ambiente escolar nos projetos em que estive envolvida durante o período da minha formação acadêmica.

Assim sendo, nos lançamos sobre alguns questionamentos, sendo o primeiro a questão principal desta pesquisa: Qual a importância do ensino de Teatro para adolescentes na Educação Básica? As experiências teatrais são relevantes na vida destes alunos? Quais as dimensões que a prática teatral alcança no contexto escolar?

Esta pesquisa relaciona as experiências da minha prática docente, a partir das aulas de teatro com alunos do Ensino Médio do Colégio Santa Maria (Unidade Floresta) e aos autores citados no decorrer deste texto, dialogando também, com a minha trajetória de formação como professora de teatro.

2. JUSTIFICATIVA

Este trabalho almeja aprofundar nos estudos e experiências da prática docente em teatro com adolescentes tendo-os como protagonistas de suas próprias vivências. O anseio por este tema surgiu durante a minha formação em Licenciatura em Teatro, a partir da descoberta da sala de aula como um espaço de criação junto aos alunos. Nesse sentido, as experiências mais potentes que vivenciei foram com turmas formadas por adolescentes.

Como criança nascida nos anos 90, fui influenciada por alguns grupos e novelas *teens* da época, tal como acontece ainda hoje entre os adolescentes. Falo isso para expor ao leitor que, muito antes de qualquer experiência pedagógica, as influências da minha infância e adolescência são partes fundamentais na temática deste trabalho. Destaco então um trecho de uma música que eu ouvia quando adolescente que exemplifica a colocação acima:

Adolescente é um bicho diferente/Adolescente, não chegue perto, porque morde/Adolescente, esse bebezão gigante/Não me pares, me conquista/Página em branco/Estamos escrevendo/Como segredos/Do crescimento/Onda de vento/Explosões sem aviso/Futuro incerto/Esperança, envolvimento/Alma que baila/Cheia de sentimentos/Vamos ao resgate de nossos desejos/Pessoas que crescem em caminhos diferentes/Curta seu tempo, somos adolescentes. Protagonistas, nós buscamos em espelhos/Da nossa vida/somos os donos/Equilibristas na corda bamba dos sonhos/Com ou sem redes/abusá-la, não te freires. (CHIQUITITAS, 2000)¹.

Os trechos desta canção dialogam com o universo adolescente ao explorar esse sujeito que se vê diferente de todos a sua volta e que muitas vezes é visto como o “mal criado” por isso; que também não é mais criança, mas ainda não é um adulto; um indivíduo que está vivendo a descoberta da sua identidade, conhecendo seus gostos (que mudam a cada semana), seus pares, enfim, diversas colocações que eu amava cantar e dançar quando adolescente, hoje se presentificam neste trabalho.

Já durante minha caminhada acadêmica, a primeira e mais significativa experiência foi como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na subárea, Teatro². As outras, não menos importantes, foram como monitora junto ao Grupo de Teatro do Centro Pedagógico da UFMG³ e a experiência que ainda estou vivenciando, como professora⁴ de teatro no projeto Santa Maria Esporte e Cultura.

¹ CHIQUITITAS. *Adolescente. Abril Music/SBT music*, 2000. 5^a vol.

² Coordenado pelo professor Dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo – orientador deste trabalho.

³ Coordenado pelo professor Dr. Roberson de Sousa Nunes – professor de Teatro do Centro Pedagógico da UFMG.

⁴ Os professores desse projeto passam por uma série de entrevistas e uma rigorosa seleção direcionada pela Sociedade Civil Espírito Santo e não precisam, necessariamente, ser profissionais formados em suas áreas de atuação.

Gostaria de destacar a importância desses projetos no âmbito da universidade e fora dela, para a formação docente. Oportunidades que surgiram com o convívio e aprendizado com os professores/coordenadores dos projetos e em alguns casos, em algumas disciplinas obrigatórias da licenciatura. São essas vivências do *professor em formação* em relação direta com o ambiente escolar, que permitem amadurecer nossas indagações e alinhar a teoria aprendida durante a licenciatura com a prática dentro das escolas. Foi a partir de experiências como as citadas e o contato com os educandos, que pude afinar o meu olhar e observar as potencialidades teatrais dos jovens no espaço escolar.

Neste sentido, busco perceber as especificidades da adolescência de maneira oposta ao senso comum, como podemos analisar por meio da reflexão de Paulo Carrano⁵ (2007):

É bastante comum que a categoria juventude seja definida por critérios relacionados com as idéias que vinculam a cronologia etária com a imaturidade psicológica. A irresponsabilidade seria outro atributo da situação social de jovialidade, particularmente nas idades correspondentes à adolescência. Parece-nos mais adequado, entretanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais. (CARRANO, 2007).

O autor nos alerta sobre a maneira como muitas vezes olhamos para o jovem, destacando assim, a importância de um olhar individualizado que ultrapasse as barreiras de nossos preconceitos. Para isso, é fundamental pensar o teatro inserido no espaço escolar como uma expressão de arte que dê voz aos jovens e não apenas como mais uma atividade na vida estudantil desses alunos.

Diante disso, o conceito de sujeito social com base nas definições de Charlot (2000, *apud* DAYRELL, 2003, p. 42), afirma a importância de repensar o olhar sobre este adolescente como um sujeito que constrói a sua identidade a partir das diversas relações a sua volta e que também, vai se constituir no mundo por aquilo que ele é no desenvolvimento das suas potencialidades. Ou seja, não só o adolescente, mas todo ser humano é um sujeito social formado e transformado pelo meio em que vive.

Durante esta escrita, também veio à memória o momento em que eu escolhi o curso que iria prestar no vestibular, a escolha do Teatro como profissão. Não por coincidência, esta escolha se deu na adolescência, mais especificamente no Ensino Médio, em uma experiência proposta por um professor de português que desenvolveu um projeto de teatro na escola.

Para todos os adolescentes envolvidos, foi muito prazeroso todo o processo, todos participavam dos ensaios e apresentações como muita entrega. Porém, de uma maneira bem

⁵ Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981999000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 de outubro de 2014.

pessoal, aqueles dois ou três meses construindo aquele espetáculo foram fundamentais para a minha trajetória. A resposta disso é estar escrevendo este texto e não por acaso, escolhendo o adolescente como ponto de partida do estudo.

Afinal, é na adolescência que são cobradas decisões mais relacionadas ao futuro de cada jovem e, com isso, há um descaso social com o presente em que vivem esses jovens. Segundo Fabrinni e Melucci: “Existe uma concordância social de que, naquilo que se refere a outras fases da vida, a adolescência é um período no qual prevalece a orientação para o futuro” (FABRINI & MELUCCI, 1992 *apud* CARRANO, 2007).

Minha experiência relatada previamente reitera a citação acima. Entretanto, para a grande maioria dos meus colegas de sala, aquele momento não significou uma descoberta de aptidão ou sequer houve um desejo em estudar teatro. Mas de maneira geral, a todos eles foi proporcionado um envolvimento artístico, dramatúrgico, e um desenvolvimento estético teatral. Podemos perceber então que, mesmo sem consciência, algumas práticas vivenciadas no período escolar marcam a caminhada estudantil e reflete diretamente na formação dos jovens.

Para o campo de estudo ainda hoje, percebemos claramente as poucas pesquisas relacionadas aos jovens, como assertivamente nos coloca Dayrell (1999):

Do ponto de vista da academia, existe uma produção muito restrita sobre a juventude no Brasil, não se constituindo, até então, no âmbito das Ciências Sociais como um todo, uma linha de pesquisa que privilegie os jovens como método de análise. E, paradoxalmente, nem a pesquisa educacional tem investido em conhecer melhor os adolescentes e jovens, enquanto sujeitos ao qual se destina a atividade educativa da escola (DAYRELL, 1999, p. 26).

Observamos que isso vem mudando ao longo dos anos. Até o próprio autor em questão vem aperfeiçoando, criando diálogos e aprofundando o estudo sobre a juventude no campo da educação. Mas e quanto ao ensino de teatro? Pensar o adolescente e a importância do ensino de teatro para este jovem ainda é algo pouco realizado em nossas escolas de educação básica, talvez também, porque pouco se discute sobre este sujeito durante os cursos de formação de professores de teatro, ou, nas palavras de Narciso Telles (2013):

A pesquisa realizada nesse processo se encontra em estreita consonância com discussões atuais sobre o ensino de teatro, que procuram refletir as questões de um processo pedagógico ainda em fase de estruturação, uma vez que nesse campo não temos ainda a “tradição” a embasar nossos passos; muito pelo contrário, tudo ainda está “se fazendo”. (TELLES, 2013, p. 24)

É neste sentido que esta pesquisa, gerada ao longo da minha caminhada acadêmica, nasce alinhando as experiências já vividas ao objeto deste trabalho, que é: abordar a docência do teatro ao jovem inserido no ambiente escolar com foco no indivíduo. Para isso, realizei

uma prática no ano de 2015 com adolescentes do Ensino Médio do Colégio Santa Maria Floresta, que me proporcionou uma vivência semanal de reflexões a respeito de algumas questões já levantadas ao longo do texto e tantas outras que foram surgindo durante o convívio com os alunos.

3. A EXPERIÊNCIA: POR ONDE COMEÇOU?

“Aquilo que a memória ama fica eterno.”
Rubem Alves

Como professora de Teatro do Colégio Santa Maria (Unidade Floresta) desde agosto de 2014, tive a oportunidade de propor à escola um projeto de aulas de teatro para os adolescentes do Ensino Médio, devido ao fato desses educandos não terem aulas de artes em seu currículo. Enviei para o diretor a proposta junto ao meu projeto de pesquisa e algumas semanas depois fui autorizada pelo mesmo a desenvolvê-la. O diretor e a coordenação viram ali uma oportunidade de desenvolver o ensino de artes para os jovens enquanto apoiavam minha formação.

A coordenadora do Ensino Médio me auxiliou na realização da fase inicial dessa prática que era: propor aos alunos uma aula de teatro por semana no período compreendido entre os meses de maio a julho de 2015 (término do primeiro semestre letivo). Essas aulas seriam gratuitas e iriam acontecer no contraturno (tarde) no teatro da escola e teriam duração de uma hora e meia.

Sendo assim, fomos a todas as salas dos 1^a, 2^a e 3^a anos, em que eu era apresentada pela coordenadora como professora de Teatro da *escolinha*⁶ e aluna da UFMG e pude explicar para os adolescentes a proposta e convidar os interessados a participarem das aulas. A princípio, também deixei claro que, dependendo do número de interessados, teríamos que submetê-los a uma seleção.

Foi interessante neste primeiro contato, que as reações eram bem imediatas. Enquanto eu falava, alguns deles já manifestavam interesse por meio de perguntas, como: “Tem que pagar?”, “E quem já fez Teatro?”, “E quem nunca fez?” e “Como vai ser essa seleção?”. Outros apenas se entreolhavam, sorriam ou até mesmo, falavam: “Pode contar comigo!”.

Passada uma semana do convite, fui à coordenação da escola para saber quantos e quem tinha realizado a inscrição. Para a nossa surpresa (minha e da coordenadora, que pensávamos que não teriam tantos alunos desejosos pelo teatro, devido à rotina de tempo

⁶ Forma como é conhecida na escola o projeto Santa Maria Esporte e Cultura, que oferece aos alunos até o 7^a ano, a possibilidade de matrícula em aulas extraclasse de teatro, dança, futebol, judô, entre outros.

deles), 75 alunos dos três anos escolares foram até lá demonstrando o desejo de participar do que eu chamei naquele momento de “I Grupo de Teatro do Colégio Santa Maria Floresta”.

Em diálogo com meu orientador, pensamos que essa era uma oportunidade muito favorável para o desenvolvimento prático dessa pesquisa e também para esses alunos, com isso, abandonei a possível seleção e deixei em aberto para todos que quisessem participar pudessem ir às aulas. Sabíamos também, que haveria uma “seleção natural”, quero dizer com isso que, são 75 alunos com diferentes demandas e que teriam que se disponibilizar a estar presente semanalmente em um dos dois horários estipulados previamente por mim. Também decidimos que teríamos algumas regras para a permanência deles nos grupos, entendendo que a responsabilidade pessoal de cada um com o que seria desenvolvido nas aulas seria fundamental para a construção da experiência.

Sendo assim, para participar do projeto os alunos tinham que:

- 1.** Ser pontuais às aulas;
- 2.** Tolerância máxima de três faltas;
- 3.** Respeitar os colegas e suas individualidades.

Posteriormente fiz uma divisão fixa das aulas devido à rotina de horários dos grupos de alunos, por exemplo, os alunos do 1º ano possuem uma aula por semana no turno da tarde, já os do 2º e 3º possuem duas aulas à tarde. Conciliando também os meus horários, restaram disponíveis a segunda e a quinta-feira.

Para de fato começarmos ainda faltava um ponto muito importante, a autorização dos pais dos alunos. Em alguns casos esse ponto também fez parte da nossa “seleção natural”, já que alguns pais não permitiram que seus filhos participassem, alegando que eles tinham que estudar naqueles horários.

Definidos os dias e horários, alguns alunos já não puderam participar. Mesmo assim, começamos as aulas no início do mês de maio, com a turma de segunda-feira formada por 18 alunos do 2º e 3º ano e a de quinta-feira com 15 alunos do 1º e 2º ano.

Desde o início, deixei claro que iríamos vivenciar uma troca de saberes, eles estariam indiretamente me alimentando de questões acerca da adolescência, pensamentos e as indagações da própria realidade escolar e eu estaria sendo a condutora da experiência teatral que juntos viríamos realizar.

3.1 Primeiras Impressões

Posto isso, começamos os nossos encontros, em nossa primeira aula pedi que os alunos sentassem no chão, em roda e começamos a conversar. Coloquei para ambos os grupos os princípios das nossas aulas e em seguida, quis conhecer cada um deles. Foi onde entendi que tudo aquilo ali era muito novo para eles, pois não estavam acostumados com um (a) professor (a) que os pedisse para sentar em roda e os ouvisse. Uma aluna brincou que estava sentido como se estivesse em uma reunião como nos *Grupos de Alcoólicos Anônimos* (A.A.). Interessante pensar que a comparação dela foi relacionada a um grupo de apoio para dependentes e não ao ambiente escolar, onde se espera que todos também possam ser ouvidos.

A partir das percepções deste primeiro encontro, comecei a tecer nossas aulas, com isso, irei descrever abaixo três momentos significativos para reflexão. A eles, irei relacionar as fases da lua, satélite principal da terra que em várias culturas marcam tempos (calendários lunares) e festas. Neste caso, essas fases vão encaminhar o nosso trajeto trazendo significado poético para cada vivência, uma vez que a lua não possui brilho próprio, ela precisa da luz solar para ser iluminada e nós precisamos da luz uns dos outros para traçar nossos caminhos.

1ª RELATO DE EXPERIÊNCIA: LUA NOVA

É o início do ciclo da lua. É marcada por pouca luminosidade.

Começamos nossas atividades no meio do primeiro semestre letivo de 2015, sendo assim, tivemos seis encontros durante esse tempo. No mês de julho tivemos o último deles, fizemos várias atividades relacionadas ao conteúdo teatral que já estávamos trabalhando e finalizamos alguns exercícios de criação de cena que havíamos iniciado nas aulas anteriores. Com uma das turmas inclusive, fizemos uma mostra destas cenas, que foram construídas em dupla, a partir dos exercícios e vivências das aulas.

Antes desta aula final, muitos deles expressaram o desejo de continuar as aulas de teatro no segundo semestre e nelas ter a possibilidade de trabalhar a montagem de um exercício cênico para apresentar a um grupo maior de alunos da própria escola, possibilidade que após a autorização da direção da escola veio a se concretizar.

Entretanto, independente de resultados finais, enquanto condutora, queria concluir aquela etapa com algum tipo de fechamento. Já que, para alguns deles aquele seria não só um encerramento do semestre, como também, a última troca de experiência do processo, o último encontro com aquele grupo. Sendo assim, encerrei as aulas do primeiro semestre compartilhando com eles um trabalho que nomeei: *Abrindo vazios de silêncio*.

Este surgiu enquanto fazia algumas disciplinas optativas no mesmo semestre na UFMG. Uma delas ofertada pela primeira vez: *Brincar, criar, teatralizar, viver*, proposta pela Professora Dra. Marina Machado. Nesta, desenvolvi como trabalho final uma proposta, que nasceu a partir de algumas experiências com os próprios alunos em sala de aula e as bibliografias cedidas pela professora. Também durante este processo, resolvi vasculhar alguns textos que achei em meus guardados, textos teóricos, dramaturgias e poemas, todos sugeridos por professores das minhas primeiras aulas de Teatro, ainda fora da Universidade. Revisitei alguns deles e em meio a essas leituras, encontrei um poema do livro “O amor que acende a lua” de Rubem Alves, *Escutatória*. Este poema tem uma relação interessante com as práticas que eu estava vivenciando. Foi alinhando todas essas referências citadas, que criei este momento que vou descrever brevemente ao leitor.

A primeira ação foi gravar um áudio (com a minha própria voz e interpretação) do poema citado, deixei então, através de um aparelho de som no canto da sala, que as palavras de Alves expostas naquele áudio, pudessem falar. Em seguida, pedi aos alunos que sentassem em meia lua. Enquanto o “som” do poema preenchia o silêncio da sala, eu sentava frente a cada um dos alunos e os olhava, um a um, olho no olho. Escolhi silenciar e então, deste momento em diante, percebi que não sabia mais quem conduzia a experiência e tudo que eu havia pré-determinado para aquele momento, podia se modificar a cada olhar.

As reações foram diversas. Alguns alunos desviavam o olhar, outros riam e tiveram também aqueles que choraram. Uma ação (olhar), gerando algumas reações esperadas como o sorriso tímido e até as reações inesperadas como as lágrimas. Com esse borbulhar de percepções, pensei que rapidamente surgiria uma série de comentários entre eles, mas para a minha surpresa, o silêncio preencheu todo aquele palco⁷, sem que eu precisasse pedir por ele.

As únicas palavras que eu dizia, era repetir uma frase do poema junto com o áudio, essa intenção surgiu no momento presente em que estava desenvolvendo esta atividade com uma das turmas, era ela: “Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto...”. Queria frisar isso, queria que saíssem dali com este sentimento. Que algo foi compartilhado entre nós naquele tempo, entre nossas percepções e diferenças.

Penso que esse tipo de experiência, fala diretamente à individualidade de cada um destes jovens e por isso decidi narrar ao leitor. Inês Teixeira no livro *Juventude e Ensino Médio* escreve uma carta aos professores do Ensino Médio, em que faz uma reflexão sobre essa questão:

⁷ As aulas em sua grande parte aconteciam no palco do Teatro do Colégio.

Tentando observar um pouco mais os contornos dessas relações intersubjetivas com os jovens que nos constituí professores do Ensino Médio, vemos que elas são sempre uma relação com o outro e com o diverso. E aqui encontramos um segundo grupo de palavras “que sabem mais longe”: diversidade/alteridade. Eles não são o que somos, eles não são como somos. Eles são outros sujeitos, outras individualidades, outras subjetividades. (...) Diante de nós estão outras corporalidades e histórias, de meninos singulares e plurais em suas diversidades. (TEIXEIRA, 2014, p. 19).

É urgente olhar para este jovem que é diferente de nós adultos-professores-educadores, que é diverso dos outros colegas e que possui necessidades que muitas vezes a escola ignora por ter se institucionalizado ao ponto das obrigações serem maior que as pessoas e priorizando à alta demanda de atividades em seu currículo.

Antes disso, eu não havia parado para pensar em como o poema trabalhado fazia tanto sentido com a realidade do professor. Muitas vezes em meio ao nosso “falatório”, é necessário silenciar e ouvir as necessidades dos alunos, precisamos entender a realidade em que estão inseridos, antes de colocar rótulos e fazer julgamentos. Questiono então, quantas foram às vezes que eu já tinha feito isso antes. E descubro que foram poucas vezes.

É necessário entender que enquanto condutores precisamos ser mais humanos com nossos alunos, saber que há momentos que precisamos nos silenciar para que eles mesmos preencham os “espaços vazios”. Reitero assim as palavras de Rubem Alves: “Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos.” (ALVES, 2011, p. 67).

É este tipo de planejamento, que aproxima o professor do aluno, que me interessa como professora de teatro. Um trabalho de pesquisa meu como professora *em formação*, foi modificado na relação direta com os alunos. Digo isso, pois como professora-artista, estou em constante processo de pesquisa e criação, o que me leva a tecer caminhos concretos entre a prática artística e a sala de aula, entendendo que ambos os espaços se complementam.

Nesse sentido, Debortoli (2010/2011) dentre suas várias colocações sobre o termo professora-artista, evidencia a importância dessa atitude e as potencialidades aguçadas em nosso exercício em sala de aula:

A atuação do professor-artista caminha neste sentido, comprehende processos criativos sólidos e sugere práticas pedagógicas que permitem aos alunos perceberem-se também como artistas, ou seja, estes tomam consciência de que são peças fundamentais para a realização do ato artístico. Os trabalhos e as discussões propostas pelo professor-artista contribuem para a formação do indivíduo através do estímulo a autonomia crítica e interpretativa, permitindo que o sujeito repense através da prática teatral (produzir, vendo os colegas de sala - apreciar) a sua realidade (contextualizar). (DEBORTOLI, 2010/2011, p. 94).

É fundamental o desenvolvimento da autonomia crítica, pois esta proporciona ao aluno se desvencilhar da dependência da figura do professor. Isso nos remete também, a reflexão crítica que Freire (1996) nos aponta, aonde o professor é convidado a refletir sua prática, entendendo que a ele cabe criar pontes juntos aos alunos para a construção do conhecimento trazendo ao educando autonomia para trilhar os seus caminhos. Quero dizer que, não temos em nós (como condutores) tudo o que o sujeito precisa, mas podemos construir possibilidades para suas descobertas e entendimento da sua realidade, entendendo que ele é parte fundamental de toda essa trajetória.

Diante de nós professores, está a possibilidade de propor a quebra de paradigmas e permitir ao aluno do Ensino Médio um entendimento do ambiente escolar que vai além das provas e trabalhos, vai além da pressão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além dos longos dias de aulas, boletins e provas de recuperação. Acredito que construímos juntos naquele dia, com essa derradeira experiência, um novo caminho naquele momento.

Consigo descrever melhor esse novo caminho, usando mais uma vez o poema *Escutatória*. Nesse trecho, Rubem Alves destaca a importância de silenciar a alma, revela quem somos quando não podemos expor em palavras nossas inquietações:

No fundo do mar - quem faz mergulho sabe - a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar. Para mim, Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto. (ALVES, 2001, p. 71).

2^a RELATO DE EXPERIÊNCIA: LUA CRESCENTE

Fase de transição entre a lua nova para a lua cheia.

Já no segundo semestre, ambos os grupos foram se reconfigurando ao longo das aulas. Em uma das turmas boa parte dos alunos permaneceram frequentando as aulas, porém no outro grupo, composto por alunos do final do ciclo (2º e 3º ano), houve uma grande evasão. Alguns quiseram explicar a desistência, as provas e o ENEM estavam entre os principais motivos, outros não falaram nada. Segui como havia planejado e nesse segundo momento, pude conhecê-los um pouco melhor.

Com o desejo dos alunos de trabalhar um texto dramático, estávamos pesquisando temas e dramaturgias para desenvolver a montagem de uma cena para uma mostra final das nossas aulas, então propus a eles um exercício para que pudessem mais uma vez se “desnudar”. Cada um iria à frente do grupo e contaria o dia/situação mais triste da sua vida. Já

havia feito esse exercício algumas poucas vezes, na verdade não me recordo de onde me inspirei, mas sei que minha intenção inicial era de ouvi-los apenas, me silenciar (mais uma vez) e dar espaço para a pessoalidade de cada um daqueles alunos. Tal como rememorado por Teixeira, em que fala claramente da importância de ouvirmos nossos alunos:

Portanto, vejam se estou certa, pois acho que aqui temos um problema central: é compreensível que gostemos, necessitemos e usemos as palavras para nos fazer compreender e para ensinar, talvez. Mas e a escuta? E a palavra deles, dos discentes? Como fica? Como anda? Por onde anda? Será que é escutada? Será que existe na escola? Onde buscá-la, como abrir nossos ouvidos sem restrição ao que eles têm a dizer? Relembrando Freire, se não há diálogo, não é possível a educação emancipatória, livre e feliz! Para além dos conteúdos disciplinares, das respostas às nossas perguntas ou para além do que estamos tentando ensinar, será que estamos escutando os nossos jovens alunos? Será que estamos procurando escutar o que eles pensam e sentem sobre a escola, sobre as nossas aulas, sobre nossa convivência e nosso trabalho? Será que os escutamos acerca do que eles pensam, desejam, esperam da escola em suas vidas de jovens, de cidadãos e adiante, de adultos? (TEIXEIRA, 2014, p.15).

São tantos questionamentos e tão pouco espaço para a fala deles que muitas vezes preferimos fazer aquilo que o planejamento “manda” e seguir em frente, rumo ao (nossa) objetivo. Resolvi possibilitar este espaço e percebo que assim, pude diminuir (um pouco) a fronteira que existe muitas vezes, entre professor e aluno dentro da instituição escolar.

Entre alguns não terem/saberem ao certo o que contar, a maioria dos relatos foram de emoção e dor. Para alguns era tão difícil falar, que só nos últimos instantes resolveram abrir-se. Pude perceber uma entrega e um respeito por aquilo que ouviam, sem risos e comentários, apenas um silêncio de quem ouvia atento.

Muitos relatos envolviam a separação dos pais ou a dificuldade com a perda de um ente próximo ou até mesmo, de um animal de estimação. Eram tão presentes as memórias, que relatar as histórias parecia fazê-los reviver um pouco da dor daquele momento. Mas, havia também um encorajamento no ato de se levantar, caminhar até a frente e começar a narrar. Havia uma respiração para começar, em alguns casos uma força de conter/controlar o choro e encontrar as palavras. Todas essas ações me interessavam e despertavam neles um comprometimento de escuta com o outro.

Com toda aquela narração pessoal poderíamos pensar, e o teatro? Já estávamos fazendo teatro sem precisar forçar coisa alguma. Eles se colocaram em posição de narradores do que lhes tocava e era nítida a potência dos relatos para quem os ouvia, como nos aponta também a atriz e pesquisadora Janaína Leite:

Neste sentido cada vez mais o artista é convocado a se colocar. Ele assume sua obra, seu discurso, se despe dos personagens e em seu próprio nome, assume a “cena”

para trazer sua visão de mundo, sua história, seu próprio corpo marcado por essa história e visão. (...) A cena não é então a expressão desse depoimento mas o depoimento é o caminho para se atingir a expressão de uma espécie de inconsciente coletivo onde a história de cada um passa a ser a história dos homens e do mundo. (LEITE, 2012).

Assim também, o exercício se baseava em narrar o que lhe é pessoal e depois todos tinham que retomar uma dessas histórias que ouviram dos colegas como se fosse sua (contar em primeira pessoa). É como se mudássemos o protagonista. Era nítida a diferença do primeiro para o segundo momento, pois como diz Leite, cada história passa a ser de todo o grupo, sendo assim, o envolvimento é outro e o foco passa a ser na lembrança do que se ouviu. Em alguns casos, havia um envolvimento real entre a memória do que foi narrado e colocar-se na posição do outro, quando isso acontecia despertava em nós ouvintes uma nova percepção.

Um exemplo disso foi à história de uma aluna que contou o quanto lhe afetava a mudança de conduta de seu melhor amigo, após a morte do avô. Ela contou que esteve ao lado dele no momento de dor e lamentava dizendo que após esse acontecimento, “o Marcos não é o mesmo de antes”. Na segunda parte do exercício, um aluno vai à frente contar a história dela e novamente nos envolvemos com a narração, ele não fala com a mesma emoção, é claro, mas trouxe a mesma verdade no relato. Quando finalizou perguntei se ele conhecia a história ou o protagonista dela, ele disse que não e todos riram. O que para mim pareciam risadas apenas pela resposta negativa dele, torna-se um alívio, um respiro para todos. Digo isso, pois seguidamente um aluno se reportou a mim dizendo: “Obrigada por quebrar o gelo Rayza”. Todos estavam bem emocionados e envolvidos com os relatos.

E porque toda a experiência relatada se torna um ponto importante dentro deste estudo que aborda o teatro, a escola e a adolescência?

Pensando a escola como um ambiente formador, relaciono a importância da experiência em detrimento ao acúmulo de informação. Nossas instituições de ensino vivem na realidade que quanto mais conteúdo o aluno absorver, melhor e mais grandiosa será a construção do saber. Experiências, como a descrita, muitas vezes não tem espaço no currículo e cabe ao professor pensar como ele cria lacunas para proporcioná-la. O psicólogo e psicanalista Eduardo Sá fala sobre isso em entrevista a um jornal, em que o título da reportagem é: “Escola demais faz mal às crianças” para o *Estadão*. Faço uso dessa fala para me referir a todo sujeito em idade escolar, no caso, o adolescente. Quando questionado sobre

a importância das boas notas no boletim dos alunos, ele destaca a importância de um bom desempenho em provas e avaliações, tanto quanto um bom tempo de lazer e diversão, uma boa relação de convívio dentro e fora de casa, enfim, entender que o foco da formação vai além da nota e do desempenho intelectual.⁸ Quando penso em experiência e seu real significado na vida de um educando, encontro consonância nas palavras de Jorge Bondía que traz os seguintes dizeres:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (BONDÍA, 2002, p.21).

É necessário proporcionar aos nossos adolescentes mais vivências que informação. Entender que a construção do ser é tão importante quanto à formação acadêmica e ainda mais urgente que definir se ele é de “humanas, exatas ou biológicas”⁹. A identidade desse jovem não pode se limitar a reducionismos e classificações generalistas.

Digo isso, pois em uma das aulas, um aluno negou-se a pensar em um exercício de criação com um grupo de colegas. Ao ser questionado sobre sua negação em participar do exercício, ele disse: “eu não sei fazer isso professora, sou de exatas”. O reducionismo de um “título” neste caso tomou o espaço da experiência e pior, criou uma limitação que de longe pode ser uma verdade.

Este jovem que precisa fazer escolhas tão determinantes em sua formação futura e que muitas vezes é norteada muito mais por aquilo que ele não teve boas referências até aquele momento, como muitos alunos que odeiam matemática, porque nunca tiveram quem os ensinasse o quanto interessante (para além de fórmulas decoradas) são os desafios numéricos e sim, a humanização nesta área. O que vemos com isso hoje são adultos frustrados, que “não sabem o que querem”. Diante disso, não seria uma violação fazer o adolescente escolher entre humanas, exatas ou biológicas tão cedo? E o exercício de humanização que as áreas têm buscado no processo de formação dos seus profissionais? Não deveria haver um reflexo do que acontece em nossas universidades para nossos alunos no Ensino Médio?

⁸ Disponível em: <<http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ser-mae/escola-demais-faz-mal-as-criancas-garante-psicologo-portugues/>> acessado em: 28 de outubro de 2015.

⁹ Nomenclatura muito utilizada no Ensino Médio e cursos pré-vestibular para definir a área de conhecimento do curso escolhido pelo aluno/candidato.

3^a RELATO DE EXPERIÊNCIA: A LUA CHEIA

A Lua cheia se dá quando o Sol ilumina totalmente a parte da Lua voltada para a Terra.

Esse relato talvez seja o mais fortificante dessa pesquisa, afinal, foi o convívio semanal com os adolescentes que me alimentou de experiências e construiu uma ponte entre o projeto de pesquisa e a concretude dela. Neste ponto da escrita, vou relatar situações relevantes que ocorreram durante esse convívio com os alunos.

Para começar, a partir daquele primeiro contato indo de sala em sala falar da minha pesquisa e convidá-los a fazer parte dela, passou um mês até o nosso primeiro encontro. Neste, expus como iriam acontecer nossas aulas e foi assim também nos dois próximos encontros, em que sempre apareciam alguns novos alunos, curiosos diante das impressões dos colegas já participantes. Após fazer algumas perguntas e conhecer cada um deles, percebi que 90% dos alunos nunca haviam feito aulas de teatro e esses só haviam ido a peças de teatro quando crianças.

Desse modo, muitas das propostas traziam um estranhamento para eles, eram diversas as vezes que se entreolhavam e riem das situações ocorridas durante os exercícios. Além do que, o contato comigo como professora era algo novo e aquela formação do grupo também, já que ambos eram formados por alunos de diferentes turmas do Ensino Médio.

Nos encontramos semanalmente por cerca de sete meses, sendo assim, estava por duas tardes da semana na escola. Meu convívio com eles era bem diferente dos demais professores, pois as aulas de teatro não os avaliavam diretamente e não eram obrigatórias. Havia uma liberdade maior em nossas aulas, eu sempre deixava claro que estávamos em um espaço de aprendizado, onde juntos estávamos trilhando um caminho de descobertas (não deviam todas as aulas ser assim?) e que, quem estivesse ali era por uma vontade própria, tendo claro que participar efetivamente das aulas.

Essa liberdade nem sempre é prazerosa para o professor que não está disposto a lidar com o inesperado. Por exemplo, tanto no primeiro, quanto no segundo semestre, tivemos que cancelar alguns encontros devido às aulas de recuperação, que foram marcadas justamente no horário da nossa aula e quase todos da turma precisavam assistir. Ou em outros casos, em que um grupo de alunos faltou para fazer um trabalho ou estudar para a prova do dia seguinte ou ainda, uma aluna que desiste no meio do processo para ter mais tempo de estudo, entre outras diversas situações que eu tive que saber contornar.

Em uma de nossas aulas após a semana de provas de recuperação, este era o assunto ao chegar no teatro. Cada um deles falava como tinha sido seu desempenho, alguns estavam

nitidamente preocupados com o que aconteceria diante de seus resultados (ao que parecia) negativos nas avaliações. Diante disso, uma aluna veio conversar comigo e explicar que aquela poderia ser a sua última aula, pois achava que por causa das suas notas a mãe não permitiria que continuasse a participar das aulas de teatro, mas que ela faria de tudo para permanecer. Diante da situação, mais uma vez precisei usar minha capacidade de escuta, apontando alguns caminhos, mas sem interferir no posicionamento que a mãe dela tomaria.

Decidi então começar essa aula dando um direcionamento, “fale uma qualidade e um defeito seu”. Já estávamos improvisando um texto e alguns personagens dele, a minha intenção era fazer a mesma pergunta posteriormente em relação aos personagens da história. Porém, ao responder sobre si, todos sabiam seus defeitos e poucos queriam/sabiam falar suas qualidades. Em um primeiro momento achei que estavam preocupados com o que os outros falariam, então brincava: “deixem de ser modestos”, foi quando me virei à aluna (citada anteriormente) e perguntei mais uma vez, “Qual a sua maior qualidade?” Ela respondeu: “Eu sou uma merda, não tenho qualidades!”. Insisti que ela respondesse e ela voltou a fazer a mesma afirmação e dizer que naquele momento não conseguia pensar em uma qualidade. Ela estava visivelmente chateada com seu desempenho nas provas, já havia falado da sua dificuldade em determinadas disciplinas e aquilo (para ela), era o que a definia naquele momento.

Não era fácil para mim ao analisar as diversas situações, aceitar e entender que, muitas das decisões deles eram totalmente justificáveis se for olhar para as prioridades que a sociedade e a própria escola, muitas vezes, destacam na formação desses jovens.

Eles possuem provas semanais, trabalhos, atividades, aulas no contraturno, inglês, ENEM. São tantas demandas, tantas obrigações, que o meu cuidado era o teatro não parecer mais uma atividade no meio de todas essas. Não quero dizer com isso, que tudo o que foi citado, não é importante, o meu questionamento é a forma como a educação tem se configurado, principalmente no Ensino Médio em que os jovens têm sido definidos e classificados de forma generalista deixando de lado as individualidades de cada um deles, ou como nos diz Miguel Arroyo:

Com a chegada à educação média dos *Outros* adolescentes, jovens, adultos e de Outros docentes, somos obrigados a reconhecer a heterogeneidade, a pluralidade, as diferenças feitas tão desiguais em nossa sociedade. Um reconhecimento nada fácil em uma tradição curricular que se pautou pela homogeneidade. Se a diversidade, a heterogeneidade e a pluralidade de educandos e de educadores chegam às escolas, como pautar as escolas, a docência e os currículos de modo a respeitar e incorporar essas heterogeneidades e diferenças? Como garantir seu direito à igualdade e seu direito às diferenças? (ARROYO, 2014, p. 59 e 60).

Não é simples quebrar os paradigmas homogêneos do nosso sistema educacional, como bem nos lembra Miguel Arroyo, ele nos diz neste caso, desses *Outros* “sociais” como: pobres, os negros e gays, por exemplo. Mas é necessário. Lendo *Conversas com quem gosta de ensinar*¹⁰ de Rubem Alves, faço uma comparação com os eucaliptos e jequitibás citados por ele. Os jequitibás são árvores centenárias e de troncos grandes, já os eucaliptos são árvores de “raça sem vergonha que cresce depressa”, a árvore do capitalismo. Ambos são árvores, madeira e planta, mas há uma grande diferença em suas raízes e histórias.

Os eucaliptos são todos iguais, domesticados e enfileirados, uma ordem que evidencia um capital. Já o jequitibá, precisa de tempo para crescer e se tornar uma árvore forte, com histórias que ultrapassam gerações, não são árvores imediatistas. Muitas vezes tratamos nossos alunos como eucaliptos, queremos que tenham uma ordem, sejam todos iguais e que deem resultados rápidos, o que torna tudo superficial. Há em nossa sociedade essa importância do título em detrimento do sujeito. E assim as famílias também esperam da escola que possam ver resultados, seus filhos aprovados no vestibular.

Até quando vamos permitir que o nosso ofício de educador transforme-se em uma função mecânica? E que nossos jovens fiquem desanimados porque suas notas dizem quem são? Esse sujeito precisa se enxergar em suas capacidades e não em suas dificuldades (que o paralisam). É necessário desenvolver o prazer e a entrega do jovem. O adolescente em si é uma chama acessa que precisa daquilo que o alimenta para crescer, o que acontece é que muitas vezes preferimos apagar este fogo, pois temos medo de um incêndio.

4. CONCLUSÃO: LUA MINGUANTE

A lua minguante é o período em que ela chega à escuridão mais uma vez.

O desafio de *ser* adolescente dialoga com o desafio de *ser* aluno em nossas escolas, pois muitas vezes, essas duas condições do sujeito vêm no próprio ambiente escolar obstáculos para *ser quem ele é*, como bem nos lembra Ana Paula Corti.

Nesse sentido, a relação entre o ofício de aluno e as crianças é menos conflituosa, pois a escola, nas últimas décadas, vem conseguindo dialogar de forma mais efetiva com as características da infância. Se a atividade principal da criança é brincar, a escola deverá prever momentos para isso, bem como equipamentos e espaços. Já nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio é diferente, pois a adolescência e a juventude não são reconhecidas como ponto de partida para a escola sendo, muitas vezes, vistas como obstáculo. (CORTI, 2014, p. 325).

¹⁰ ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 10^a edição – Cortez Editora, novembro 1984.

Vemos hoje uma mudança significativa quando falamos dos primeiros anos de escolarização, a educação infantil tem pensado cada vez mais as necessidades desse aluno que está em plena infância. Porém, quando olhamos para o jovem não vemos na instituição escolar uma preocupação com a condição temporal deste aluno.

Não olhamos para a construção de um saber que inclui a identidade juvenil, pelo contrário, nossos currículos são construídos de forma distanciada, ou seja, sem priorizar as necessidades presentes do adolescente. E pior, privilegiamos certas áreas de conhecimento que julgamos ser mais importantes para a sua formação em detrimento de outras (como a área de artes que é obrigatória no Ensino Médio segundo os documentos CBC¹¹ e PCN¹² e na maioria das escolas não consta em seu currículo).

Escrevo o parágrafo anterior em 1^a pessoa do plural, pois acredito estar diretamente envolvida, como professora (em formação) sou agente de transformação da realidade atual.

Por isso a importância de entender o Teatro como campo de conhecimento e espaço de experiência, entendendo a urgência de aproximar o desenvolvimento intelectual deste jovem às suas descobertas. E ainda, valorizar a cultura de cada um desses alunos, transformando a escola em um ambiente de influência direta em sua formação como *ser* aluno e também, *ser* humano.

À exemplo, estes três relatos de experiência destacados ao longo do texto, são uma pequena parte de um processo em que tinha como plano inicial acontecer por cerca de dois meses (seis encontros), mas acabou por perdurar por sete meses (vinte e três encontros). É necessário dilatar o nosso tempo, entender quando o processo se encerrou ou quando ele ainda tem fôlego para continuar. Houve claro, vários momentos de escuridão, onde eu temia não conseguir finalizar todas as demandas que surgiam. Demandas que não tinham necessariamente uma relação com um produto final, o qual surgiu devido a um desejo dos alunos em representar um texto dramático, que também podia vir a não acontecer. As demandas que falo, são com a formação do *ser* e o teatro como uma potente expressão para isso. Em meio às angústias, tentativas e erros, era onde, eu abraçava as fases de transformação e tentava mais uma vez.

E quem disse que professor não fraqueja? E quem não tem vontade de desistir muitas vezes?

¹¹ Conteúdos Básicos Comuns – Minas Gerais.

¹² Parâmetros Curriculares Nacionais.

Existiram aqueles momentos também, onde eu fui alimentada por eles, ouvia sobre o dia a dia, os relacionamentos, aprendia da cultura pop adolescente, onde pesquisamos e improvisamos várias cenas ao som de Britney Spears. E assim caminhamos juntos, nos nutrindo e construindo processos, que na maioria das vezes não foram finalizados, projetos inacabados. E sem frustração, dizia a eles que tínhamos a permissão de criar várias coisas, sem que essas nos retribuíssem um produto final. E nos últimos encontros experimentamos um texto (diferente em cada uma das duas turmas). Descobrimos personagens, ensaiamos, criamos outras cenas e por fim, fizemos uma mostra final de dois trabalhos.

Além disso, entendi que o meu ponto de partida, o que me impulsionava, era conhecer esses adolescentes, suas realidades e refletir o que a prática teatral poderia os acrescentar enquanto expressão artística. Foram vinte três encontros para os conhecer e ver aqueles que estiveram até o último encontro viver individualmente, cada um a sua experiência.

Diante disso pude ver a mãe da aluna que quase a tirou das aulas de teatro por causa do “mal” desempenho acadêmico ir à nossa apresentação final e incentivar a filha a continuar fazendo teatro. Pude ver uma aluna que não prosseguiu até o fim do curso, mas participou do processo de seleção para ingresso no curso do Teatro Universitário da UFMG, o “menino da exatas” fazendo a mostra final e cobrando criticamente o seu desempenho sem dizer que não é capaz por não ser “sua área” e todos nós que de alguma forma, vivemos uma experiência significativa de formação. Me envolvi com cada um deles nesses vinte e três intensos encontros e como retribuição promovi uma espécie de *carta feedback*, onde eu escrevi de punho um recado individual, destacando as potencialidades evidenciadas por cada um deles em nossas aulas, um momento de sua trajetória e também, manifestando a minha alegria na parceria que construímos.

Descobri que é fundamental recuperar essa aproximação professor – aluno tão velada no Ensino Médio, parece que há uma ordem em que não podemos nos envolver em demasia com nossos alunos, quando do contrário vemos na educação infantil um laço estabelecido entre o docente e o discente, porque perder este afeto quando nossos alunos crescem?

Com isso, iniciei cada uma das cartas citando um trecho de Rubem Alves, pois queria falar de coragem. A coragem que cada um deles teve em vivenciar o novo, a incerteza e o vazio em nossos encontros.

Somos assim. Sonhamos o vôo, mas tememos as alturas. Para voar, é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o vôo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isto que tememos: o não ter certezas. Por isso trocamos o vôo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram. (ALVES, 2007).

Posteriormente, vim a entender melhor porque fazia tanto sentido essa citação, mas agora para eles, quando obtive algumas cartas respostas dos alunos que recebi à partir das minhas cartas.

Segue abaixo três delas para exemplificar:

Carta 1

“Então, quando chegou uma professora na sala falando que quem quisesse fazer aula de teatro era só se inscrever eu fiquei muito animado e, no dia seguinte já estava colocando meu nome na coordenação porque sempre quis fazer. Quando cheguei e comecei, a princípio tinha vergonha de fazer as atividades e achava algumas um pouco desnecessárias, mas com o tempo você foi mostrando o sentido do teatro pra gente e como tudo aquilo nos ajudava, e quando digo ajudava não é só para realizar um personagem bem feito, aliás até que sim, mas quem disse que não somos personagens da vida também? E é isso que o teatro me proporcionou esse ano, uma experiência que me ajudou muito no lado artístico mas muito também no lado pessoal e que no futuro ajudará no profissional, porque situações em que nós precisaremos destacar nossas emoções e perder a vergonha vão acontecer frequentemente. Sem dúvida foi a melhor atividade que realizei no ano e levarei comigo para o resto da minha vida, e só tenho que agradecer a essa professora incrível que você foi.”

Vinícius Quintão Sausmikat

Carta 2

“Todos os dias minhas quintas feiras foram como qualquer outro dos seis da semana, era só mais um dia chato e monótono, resolvi me arriscar em o que para mim não era mais que uma palavra. Teatro, o que será que isso é? Como que deve ser? Será que vai ser legal? Perguntas assim corriam na minha mente antes de entrar para a primeira aula, mas realmente a dúvida não durou mais que isso e todas essas perguntas foram respondidas logo nas primeiras reuniões, não demorou para o teatro me encantar e entrar na vida vida completamente para virar muito mais que uma palavra e se tornar um modo de vida. Sendo bem sincero nunca me senti muito atraído por coisas assim, sempre fui tímido aquele menino que fica na dele tranquilo, o teatro quebrou muito disso dentro de mim, me mudou, me fez crescer. Realmente foi inacreditável tudo isso, nunca pensei que poderia ser tudo que foi e que essa experiência fosse ser tão marcante e inesquecível, tenho certeza na vida de todos que passaram por ela, é muito triste saber que acabou e minhas quintas a tarde ficaram mais tristes, mas fico muito feliz por tudo que aconteceu, despertou dentro de mim um desejo de

mais e quero sim continuar a fazer teatro a fazer arte e pode ter certeza que isso não acabou aqui. Obrigado Rayza”.

Warley França Santa Bárbara

Carta 3

“Rayza, as aulas de teatro foram ótimas pra eu conhecer meus amigos de um outro jeito, conhecer quem eles são por dentro, foi uma experiência única!

Quanto a minha relação com você, professora, foi algo bem sincero, desde a primeira vez em que te vi eu tive a certeza de que eu poderia ser eu mesmo em suas aulas, sem precisar me esconder do mundo. Enfim, ganhei uma ótima amiga no ano de 2015, e espero que nos encontremos muitas vezes ainda nessa vida!”.

Pedro Henrique Alves Ferreira

Nem todos os momentos desse percurso foram fáceis para eles e para mim, mas é interessante como ao contrário do entendimento comum à respeito da adolescência, eles mesmo sem uma obrigatoriedade, sem notas e avaliações, estiveram comprometidos em cada encontro, doando e trocando uns com os outros.

De fato, o teatro não serve para formar atores. Ser ator é só uma das consequências possíveis. Estou eu aqui hoje, depois de quase dez anos da minha primeira experiência teatral no Ensino Médio, escrevendo sobre essa arte como professora - artista e a influência que ela pode provocar em nossas escolas e jovens.

Ficam ainda muitas outras indagações, mas com a certeza que essa chama não vai se apagar, que ela irá se tornar um grande incêndio, queimando aquilo que é obsoleto e abrindo espaço para novas transformações que como as fases da lua, uma sempre virá após a outra, em alguns momentos com luz mais intensa, já em outros, vamos precisar nos arriscar no “terror do vazio”.

5. REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALVES, RUBEM. *O amor que acende a lua*. 15^a edição – Campinas, SP: Papirus, 2011.

ALVES, Rubem. *O infinito na palma da sua mão: o sonho divino ao nosso alcance*. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 24, set./out./nov./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares; organizadores. *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo* – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. 25^a edição - São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura) - 1996.

TELLES, Narciso. *Pedagogia do Teatro – Práticas contemporâneas na sala de aula*. 1^a edição - Campinas, SP: Papirus Editora, 2014.

Webgrafia

CARRANO, Paulo. *Juventudes: as identidades são múltiplas*. Rio de Janeiro: Portal Multirio - Século XXI, 17/11/2007. Disponível em: <http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1086>. Acesso em: 24 de setembro de 2014.

LEITE, Janaína. *O depoimento pessoal*. Disponível em: <<http://dicionariodeteatro.blogspot.com.br/2012/06/depoimento-pessoal.html>> Acessado em: 28 de outubro de 2015.